

ROSAS, Marta (2002). *Tradução de humor: transcriando piadas*. Rio de Janeiro, Lucerna. 128p.

Maria Paula Frota*

O livro de Marta Rosas traz uma importante contribuição para o ainda incipiente estudo da tradução de textos humorísticos do inglês para o português. Acerca dessa incipiência a autora afirma: “No Brasil foram publicados até o momento apenas três artigos que promovem a conjugação entre humor e tradução, de textos do inglês para o português, em análise que valoriza os aspectos lingüístico-culturais e, principalmente, didáticos dessa operação” (p. 16). Cabe aqui destacar que a *TradTerm* foi responsável pela veiculação desses únicos artigos – dois de John Schmitz (v. 3. 1996, e v. 5(2), 1998) e um de Adauri Brezolin (v. 4(1), 1997). Cabe ainda dizer que esses três trabalhos trazem uma interessante polêmica acerca da traduzibilidade ou intraduzibilidade de certos tipos de texto humorístico, dependendo de aceitar-se ou não como uma operação propriamente tradutória uma transformação acentuadamente radical do texto de partida. A posição assumida por Rosas incrementa tal polêmica.

Tradução de humor: transcriando piadas encerra uma primorosa estruturação e uma escrita ao mesmo tempo densa e leve, o que propicia uma leitura prazerosa, provoca a reflexão e traz ensinamentos novos e relevantes. Creio ser possível afirmar que não se encontra dificuldade em satisfazer a expectativa da autora de que o seu livro represente para o leitor, como representou para ela, “descoberta e prazer”. De fato, como diz, a tradução de textos humorísticos, “não-sérios”, traz consigo “a função terapêutica do riso” ao lado de “uma ‘escola de tradução’ irresistivelmente séria” (p. 12).

O livro divide-se em duas partes, sendo a primeira voltada para “A tradução de humor na teoria”, e a segunda, para a “A

* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

tradução de humor na prática". A parte de cunho teórico compreende três capítulos muito bem articulados no sentido de situar o leitor nos campos de estudo do humor e da tradução, de informá-lo sobre a constituição dos textos humorísticos e, finalmente, de levar o leitor a refletir sobre a tradução do humor.

No primeiro capítulo, a autora constrói um "Histórico dos estudos da tradução e do humor" no qual ela indica várias afinidades entre os dois campos, como por exemplo a centralidade da problemática da interpretação e, em grande medida disso decorrente, o fato de ainda constituírem-se como uma "espécie de 'patinhos feios' da Academia" (p. 16). De um lado, a resistência da tradução e talvez mais ainda do humor a deixarem-se aprisionar em definições e esquemas científicos; de outro, "uma certa 'desaparelhagem'" por parte das ciências, como a Linguística, para enfrentar as questões teóricas suscitadas por essas duas "práticas de tanta relevância na construção daquilo a que chamamos cultura" (p. 19). Segundo a autora, "os estudos que unem tradução e humor encontraram e ainda encontram resistência para definir-se como objetos dignos de pesquisa acadêmica" (p. 18). No caso específico do humor, diz ela citando Raskin, esses entraves são "provavelmente agravados pela crença ampla e talvez inconsciente de que nada agradável, divertido, seja um assunto respeitável para um campo acadêmico" (p. 19).

No segundo capítulo, Marta Rosas apresenta de forma muito informativa e clara "As principais teorias do humor". Através de bem selecionadas citações e comentários, o leitor pode ter uma boa compreensão das formulações de Freud, Bergson e Raskin a respeito dos chistes e ditos espirituosos em geral. A autora não deixa de recorrer com frequência, o que me parece digno de nota, a estudiosos brasileiros que vêm investigando o humor. São discriminadas e explicadas noções relevantes ao tema, como as de *cômico* e *espirituoso*, bem como condições fundamentais para a configuração dos enunciados humorísticos, como as que envolvem os *scripts* e o gatilho. Aprende-se muito com esse capítulo.

O terceiro, "A tradução de humor", inicia com uma tomada de posição da autora relativamente à teoria de tradução que considera mais conveniente para abordar essa modalidade tradutória:

Dentre várias das abordagens teóricas da tradução, creio que mais se preste à tradução do humor aquela que foi inicialmente proposta em 1984 por Katharina Reiss e Hans Vermeer. Conhecida como Skopostheorie, ou teoria do escopo (finalidade/objetivo), é uma abordagem funcionalista – e, portanto, pragmática – da tradução (também referida pelos autores como translação ou ação translativa). (p. 45)

Para a tradução funcional do humor, o mais importante é que ela alcance sua finalidade (no caso, uma reação de prazer e divertimento) e não que se realize de determinado modo. Ao adotar essa teoria – segundo a qual o que está em jogo é o melhor funcionamento possível da tradução na situação e nas condições previstas e não a maior fidelidade possível ao texto de partida, sempre concebido em outras condições e com outra finalidade, ou seja, para outra situação e outros usuários –, a autora parece assumir uma postura radical no que tange à possibilidade de o tradutor operar uma ilimitada transformação na piada formulada em língua inglesa, talvez mesmo a sua substituição por uma piada totalmente diversa. Como ela chega a explicitar, “formula-se a ‘regra do escopo’ como regra principal de uma teoria da translação: uma ação é determinada por sua finalidade (está em função de sua finalidade) – vale dizer: *em tradução o fim justifica os meios*” (p. 47, grifos meus). A tradução funcional do humor é aproximada à tradução de poesia e, em particular, à perspectiva teórica do grupo concreto, para o qual na tradução, ou como preferem, na *transcrição*, “é decisivo o papel do tradutor como recriador do texto [...], levando em conta o horizonte cultural do idioma de chegada e ‘traindo’ conscientemente o texto de partida em muitos de seus aspectos lingüísticos e culturais” (p. 52). O máximo que se pode exigir, diz a autora, é que o texto traduzido permaneça o mais “próximo” possível do texto de partida (p. 49).

E é justamente a decisão pela possibilidade de se traduzir literalmente uma piada e mesmo assim obter o riso (explícito ou recôndito) de seu receptor, ou, por outro lado, pela necessidade de se fazer uma tradução funcional como único meio de atingir a

finalidade visada, que constitui um dos critérios adotados para a organização da segunda parte do livro. Temos aí, entre piadas, máximas e outros ditos chistosos, a apresentação, tradução e análise de cinquenta textos. Estes são distribuídos em quatro conjuntos, de acordo com o critério mencionado acima, associado à temática ou tipo de humor retratado (estereótipos, o politicamente correto, ironia, “non-sense”, entre outros) e a fatores culturais e lingüísticos (por exemplo, a ambigüidade fonética e a ambigüidade sintática). Essa parte prática nos proporciona um duplo prazer: o de rir, claro, e o de ver, ao vivo, a materialização das ponderações teóricas antes desenvolvidas. Vejamos uma breve amostra:

1.

“Does your dog bite?”

“No.”

(Bends down to strike dog and gets bitten)

“I thought you said your dog didn’t bite?”

“It’s not my dog.” (p. 69)

Tradução literal (TL):

— *Seu cachorro morde?*

— *Não.*

(Abaixa-se para acariciar o cão e é mordido)

— *Você disse que o seu cachorro não mordia!?*

— *Esse não é o meu cachorro...* (p. 70)

2.

Three nuns who died were tested by St. Peter before being allowed into heaven. He asked them a question in turn. “What is the name of the first man?” “Adam.” “OK, go in.” “What is the name of the first woman?” “Eve.” “Right.” Then he asked the third, “What were the first words that Eve said to Adam?” “Crikey, that’s a hard one!” “That’s right. In you go.” (p. 87)

TL:

Três freiras morrem. Antes de deixá-las entrar no céu, São Pedro resolve testá-las, fazendo uma pergunta a cada uma.

— *Qual o nome do primeiro homem?*

— *Adão.*

— *OK, passe.*

— *Qual o nome da primeira mulher?*

— *Eva.*

— *Correto.*

Então pergunta à terceira:

— *Quais as primeiras palavras ditas por Eva a Adão?*

— *Caramba, essa é dura!*

— *Correto. Pra dentro. (p. 88)*

3.

Teacher: "What are you – animal, vegetable or mineral?"

Student: "Vegetable; I'm a human bean!" (p. 100)

Tradução funcional (TF):

Professora: — Você é animal, vegetal ou mineral?

Joãozinho: — Mineral; eu sou de Minas. (p. 100)

4.

Asked if she had nothing on in the calendar photo, she [Marilyn Monroe] said: "I had the radio on." (p. 110)

TF:

Quando lhe perguntaram se não estava usando nada na foto do calendário, ela [Marilyn Monroe] respondeu: "Estava sim – Channel no. 5". (p. 111)

Resta ainda trazer a discordância de Rosas em relação à crença mais comum de que só haveria um tipo de piada intraduzível: aquela que depende exclusivamente de fatores lingüísticos que só funcionam no interior de uma língua ou de línguas muito próximas. Ou, dito de outra forma: a crença de que podem ser tranqüilamente traduzidas as piadas dependentes apenas de fatores culturais. Para a autora, no universo das piadas não cabe separar o lingüístico do cultural: "quando se fala em humor verbal [...], está-se falando de um tipo de humor que, em última instância, sempre dependerá de fatores lingüísticos" (p. 62).

Tampouco ela se detém diante de limites à traduzibilidade: nos cinquenta textos trabalhados, munida de sua abordagem funcionalista, Marta Rosas preocupa-se em demonstrar não só a viabilidade da tradução do humor como, em muitos casos, a multiplicidade de opções tradutórias a que se pode chegar. Para concluir, vejamos um último exemplo que ilustra essa afirmação:

Mr. Speaker, this bill is a phony with a capital F.

(Declaração de parlamentar durante debate acalorado)

(p. 111)

TF:

Senhor Presidente, este projeto é um embuste com "I" maiúsculo.

(p. 111)

Ou:

Nobre líder, este projeto é uma impostura com "E" maiúsculo.

(p. 111)

Ou ainda:

Nobre líder, este projeto é uma charlatanice com "X" maiúsculo.

(p. 112)